



**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Jornalismo**

Luara Wandelli Loth

Guerrero dos desaparecidos

***Imersão em um estado onde o povo reage
às ausências no México***

**RELATÓRIO TÉCNICO do Trabalho
de Conclusão de Curso apresentado
à disciplina de *Projetos
Experimentais*, ministrada pelo Prof.
Dr. Fernando Antônio Crócomo no
segundo semestre de 2016.**

**Orientador: Prof.º Dr.º Carlos
Augusto Locatelli**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2016.2	
ALUNA	Luara Wandelli Loth	
TÍTULO	Guerrero dos desaparecidos: Imersão em um estado onde o povo reage às ausências	
ORIENTADOR	Professor Carlos Augusto Locatelli	
MÍDIA (marcar um ou vários se utilizado mais de um)	<input type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Web site
	<input checked="" type="checkbox"/>	Multimídia
	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica (monografia)
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional (manuais, guias...)
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa) (seja empresarial, comunitária etc)
	CATEGORIA (<u>produto jornalístico inteiro</u> : uma revista, um suplemento com várias matérias) (<u>reportagem</u> : um tema para um veículo; ex reportagem pra TV, revista)	<input type="checkbox"/>
<input checked="" type="checkbox"/>		Reportagem livro-reportagem () se sim
		Local da apuração:
		() Florianópolis () Brasil () Santa Catarina (X) Internacional () Região Sul Guerrero – México
ÁREAS	grande reportagem; Guerrero; desaparecimento forçado; crime de Estado; narcotráfico	
RESUMO	<p>Grande reportagem em texto e fotografia que narra histórias vividas por famílias assoladas pela violência no estado mexicano de Guerrero, no sul do México. Atualmente Guerrero apresenta os maiores índices de homicídio do país é o segundo maior indicador de pobreza extrema. A população indígena tem forte influência em todas as esferas da vida social e há décadas cria alternativas à violência de Estado e ao subdesenvolvimento. Nas décadas de 1960-70, Guerrero foi um dos principais cenários da chamada Guerra Suja, que, como outros eventos de terrorismo de Estado na América Latina, deixou um rastro de centenas de desaparecimentos forçados e tortura. Desde 1960, a Serra do Estado de Guerrero está tomada pelos campos de amapola, matéria-prima da heroína. Nos últimos anos, a região desbancou o Oriente Médio e estima-se que produza 60% da heroína consumida nos Estados Unidos - o maior mercado da droga. Um crime, em setembro de 2014, faria com que o mundo todo voltasse os olhos para essa região empobrecida: o desaparecimento forçado de 43 estudantes de uma escola rural que forma professores para o ensino primário, a Normal Rural Raúl Isidro Burgos do pequeno município de Ayotzinapa. A convulsão social, originada pela indignação com a participação do Estado, fez com que centenas de famílias se organizassem para cobrar do governo medidas em relação à crise de direitos humanos, cujo ápice é o elevado número de desaparecimentos. São 27 mil desaparecidos desde 2006. As famílias que compartilham a dor organizam-se de diferentes formas, mas o grupo que mais impressiona é o de Iguala, cidade onde ocorreu o desaparecimento dos 43 normalistas. Todos os domingos um coletivo de familiares, autodenominado <i>Os Outros Desaparecidos de Iguala</i>, sobe os morros que circundam a cidade, na zona rural, em busca de</p>	

	<p>fossas clandestinas. Mais de 125 ossadas já foram encontradas graças ao esforço destes buscadores. A escrita do livro-reportagem busca revelar que, por de trás da dor e do sofrimento, há muita luta e vontade de fazer com que os corpos ocultados que pairam sob o solo de Guerrero brotem como férteis sementes de transformação.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Palavras-chave: desaparecimento forçado; crime de Estado, narcotráfico; grande reportagem; Guerrero; México

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo às pessoas que me receberam em suas casas no México. Durante os três meses em que vivi em Guerrero, essas pessoas me ofereceram abrigo, comida, água e muitas vezes tornaram possível minha apuração, compartilhando informações valiosas e reflexões e, o mais importante, me fizeram companhia em momentos de solidão e dúvidas sobre o sentido de tudo.

Ao buscador Guadalupe, o Dom Lupe e família. Grande amigo e anfitrião de coração de *pollo*, que me hospedou por semanas, apesar das dificuldades imensas;

Ao doce Dom Margarito e suas canções, que foi meu vizinho em Iguala;

À amiga Anabel, psicóloga, antropóloga e altruísta e à irmã filósofa Mitzi, com quem pude compartilhar minhas impressões empíricas sobre a violência e a casa quentinha no inverno chilango. Clamo pelo dia em que poderei retribuir tamanha generosidade;

A Mario Vergara e família pela solidariedade e confiança;

A Maria Herrera, a mulher dos olhos mais tristes, por seu afeto, mesmo em meio ao horror;

A Pedro Roque e família, que me receberam como uma filha em Tecoaapa;

À Miriam de Chilapa, que me hospedou e me consolou;

À minha mãe Raquel por ter ensinado o amor e a loucura. Por ter confiado em mim e investido nas minhas escolhas, por vezes, equivocadas;

Ao meu pai Moacir por ter mostrado a dedicação e a generosidade. Por ter paciência e acreditar nos investimentos que fez;

Ao orientador Prof^o Carlos Augusto Locatelli, pela confiança;

Ao meu irmão Maitã por compartilhar comigo a fúria e a impetuosidade;

Ao melhor amigo Ernesto Otth, que a exemplo de outros Ernestos me inspirou ideias radicais;

Ao amigo e fotógrafo Rafael Venuto, que com toda a arte que tem dentro de si tratou com esmero as fotografias deste trabalho;

À amiga Priscila dos Anjos, que a cada dia revela-se como um anjo, pelo seu inestimável apoio na edição dentro da plataforma digital;

Ao amigo de jornalismo Mateus Vargas, pela generosidade de saber ouvir;

Ao amigo Marvin, conhecedor da loucura de seu país e do nosso;

Às amigas de infância: Terê e Zita, pelo carinho e cuidado pela vida inteira;

À Daniele Nogara, por me escutar longa e atenciosamente desde a véspera da minha viagem;

À cunhada Jéssica;

À prima e parceira de toda a vida, Isabel, cujo plano conjunto de ir à Namíbia fez o milagre de me reanimar para o mundo;

À minha avó Gilta, pela curiosidade e comunicabilidade, dom das crianças;

À minha avó Ondina, que faleceu quando eu estava em Ayotzinapa em 2014, pouco depois e ter vivenciado o Dia dos Mortos. Obrigada pela teimosia e pela luta contra a solidão;

Aos companheiros do Coletivo Maruim, em especial, Priscila e Thaís;

À amiga Ana Rita, que me acompanhou nas histórias do Trem da Morte;

Ao Projeto Mulheres & Outras Mulheres, que tornou possível minha permanência por mais uma temporada na universidade para concluir esta investigação;

Aos companheiros do Gabinete do Vereador Lino Peres, onde trabalhei em 2015, o que tornou possível minha viagem ao México;

Aos mais de 40 entrevistados, que, apesar da dor e das ocupações cotidianas, deram-me atenção e tornaram esse trabalho realidade;

À Violeta Parra, que “me ha dado la marcha de mis pies cansados”;

A todos que me ajudaram a arrumar a mala:

Ergo-me de repente todos os Césares.

Vou definitivamente arrumar a mala.

Arre, hei de arrumá-la e fechá-la;

Hei de vê-la levar de aqui,

Hei de existir independentemente dela. (Álvaro de Campos)

Aos amores e desamores - que não foram poucos.

- Ilusão? Isso custa caro. A mim custou viver mais do que o devido. Paguei com isso a dívida de encontrar meu filho, que não foi, por assim dizer, nada além de uma ilusão a mais; porque nunca tive filho algum. Agora que estou morta me deu tempo para pensar e ficar sabendo de tudo. Nem mesmo o ninho para guardá-lo Deus me deu. Só essa longa vida arrastada que tive, levando daqui para lá meus olhos tristes que sempre olharam de viés, como buscando atrás das pessoas, suspeitando que alguém tivesse me escondido meu menino. E tudo por culpa do maldito sonho. Tive dois: um deles eu chamo de “bendito”, o outro de “maldito”. O primeiro foi o que me fez sonhar que tinha tido um filho. E, enquanto vivi, nunca deixei de acreditar que fosse de verdade; porque o senti entre meus braços, novinho, terno, cheio de boca e de olhos e de mãos; durante muito tempo conservei a impressão de seus olhos adormecidos e o palpitar de seu coração. Como não ia pensar que aquilo fosse verdade? Eu o levava comigo aonde quer que fosse, envolto no meu xale, e de repente o perdi. No céu me disseram que tinham se enganado comigo. Que tinham me dado um coração de mãe, mas o seio de uma qualquer. Esse foi o outro sonho que tive.

Cheguei ao céu e fui ver se entre os anjos reconhecia a cara de meu filho. E nada. Todas as caras eram iguais, feitas com a mesma forma. Então perguntei. Um daqueles santos se aproximou de mim e, sem me dizer nada, afundou uma das mãos no meu estômago, como se a tivesse afundado num montão de cera. Ao tirá-la, mostrou algo assim como uma casca de noz: “isto prova o que demonstra”.

Pedro Páramo, Juan Rulfo.

Algunos recomiendan que abandonemos la ciudad, que la dejemos a solas con sus verdugos. Pero no me voy a ir de aquí. Ni aunque los ajustes de cuentas se hayan puesto en boga y la muerte tenga numerosos admiradores que la honran ofreciéndoles cabezas en hieleras o cuerpos columpiándose bajo los puentes. No me voy a ir de aquí porque espero que algún día la ciudad regrese a mis brazos. Me quedo aquí -como mis hermanos, amigos, vecinos o el resto de la gente que ni siquiera tiene la oportunidad de escribir como lo hago en este momento- pero no para contemplar la agonía de nuestra ciudad o los signos del oprobio en su cuerpo mancillado. Haré lo que tantos hombres y mujeres hacen para cambiarla y para cambiar este mundo: cultivar un jardín, barrer la acera de su casa, sonreírle a quien pasa, empujar al niño inmóvil en el columpio, escuchar música, abrir un libro, ofrecer un vaso con agua, correr por el parque.

La Ciudad Extraviada, Alfonso Orejel

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	8
2. INTRODUÇÃO.....	9
2.1 OBJETIVOS E MÉTODOS.....	10
2.2 ESCOLHA DO TEMA.....	13
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO E APRENDIZAGEM.....	18
4.1 EDIÇÃO.....	30
4.3 ENTREVISTAS.....	33
4.4 CUSTOS.....	35
6. CONCLUSÃO.....	35
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

1. RESUMO

Grande Reportagem em texto e fotografia que narra histórias vividas por famílias assoladas pela violência no estado mexicano de Guerrero, no Sul do México. Atualmente Guerrero apresenta os maiores índices de homicídio do país e o segundo maior indicador de pobreza extrema. A população indígena tem forte influência em todas as esferas da vida social e há décadas cria alternativas à violência de Estado e ao subdesenvolvimento. Nas décadas de 1960-70, Guerrero foi um dos principais cenários da chamada Guerra Suja, que, como outros eventos de terrorismo de Estado na América Latina, deixou um rastro de centenas de desaparecimentos forçados e tortura. Desde 1960, a Serra do Estado de Guerrero está tomada pelos campos de amapola, matéria-prima da heroína. Nos últimos anos, a região desbancou o Oriente Médio e se estima que produza 60% da heroína consumida nos Estados Unidos, o maior mercado da droga. Um evento, em setembro de 2014, faria com que o mundo todo voltasse os olhos para essa região empobrecida: o desaparecimento de 43 normalistas de uma escola rural que forma professores para o ensino primário, a Normal Rural Raúl Isidro Burgos do pequeno município de Ayotzinapa. A convulsão social, originada pela indignação com a participação do Estado neste crime, fez com que centenas de famílias se organizassem para cobrar do governo medidas em relação à crise de direitos humanos, cujo ápice é o elevado número de desaparecimentos forçados. São 27 mil desaparecidos desde 2006. As famílias que compartilham a dor organizam-se de diferentes formas, mas o grupo que mais impressiona é o de Iguala, cidade onde ocorreu o desaparecimento dos 43 estudantes. Todos os domingos um coletivo de familiares, autodenominado como *Os Outros Desaparecidos de Iguala* sobe os morros que circundam a cidade, na zona rural, em busca de fossas clandestinas. Mais de 125 ossadas já foram encontradas graças ao esforço destes incansáveis buscadores. A escrita do livro-reportagem busca revelar que, por de trás da dor e do sofrimento, há muita luta e vontade de fazer com que os corpos ocultos sob o solo de Guerrero brotem como férteis sementes de transformação.

Palavras-chave: grande reportagem, desaparecimento forçado; crime de Estado, narcotráfico; Guerrero; México

2. INTRODUÇÃO

Guerrero dos desaparecidos: Imersão em um estado de violência e ausências no México é uma Grande Reportagem em texto e fotografia. Para apresentá-la ao leitor, escolhi a plataforma *online Readymag*, por acreditar que, caso a reportagem fosse apresentada em um arquivo impresso sem diagramação e com as fotos separadas do texto, a leitura e compreensão seriam prejudicadas. O meio eletrônico me pareceu mais dinâmico para a estrutura multilinear da reportagem, que assimila a lógica linear dentro da organização não-linear ou associativista, ao explicitar o funcionamento das conexões internas em forma de links. No texto central da reportagem, conto a história do desaparecimento de 43 estudantes de uma Escola Normal Rural em Ayotzinapa no Estado de Guerrero e os impactos políticos desse crime na sociedade mexicana; resgato aspectos da história mexicana e guerrerense; contextualizo a situação de pobreza e violência vividas na região; narro o surgimento e o desenvolvimento do grupo de buscadores *Os Outros Desaparecidos de Iguala* que, encorajados pela repercussão e denúncias do movimento de indignação pelo massacre de Ayotzinapa, organizam buscas por fossas clandestinas.

Ao longo do texto algumas informações que precisam ser definidas ou contextualizadas são sublinhadas com *hiperlinks*, que quando clicado, abrem uma caixa de texto com uma pequena explicação sem fotografia. Por exemplo, se cito um cartel do narcotráfico chamado *Guerreros Unidos* ou *Los Zetas*, na página guiada pelo *hiperlink*, há um pequeno texto que contextualiza o surgimento do cartel e suas características principais. Dois mapas também podem ser visualizados da mesma maneira. O primeiro mostra as sete sub-regiões do Estado de Guerrero e o segundo é compartilhado do *Google Maps*.

Ao narrar e descrever as buscas e os conflitos internos do grupo *Os Outros Desaparecidos de Iguala*, surgem personagens cada um com sua visão sobre a violência e o Estado mexicano, carregando consigo uma história pessoal dramática sobre um ou mais desaparecidos. Quando os personagens são citados no texto, antes do próximo parágrafo, uma fotografia do personagem ou referente à história com o título em *hiperlink* leva o leitor a uma próxima página, onde poderá ler um perfil ou uma história.

Também acredito ser necessário comentar o texto *Uma mãe contra uma dinastia de narcos e as mulheres que buscam policiais*. A história descreve o drama da mãe Sandra Román e na sequência, explica a situação de algumas mulheres dos *Outros Desaparecidos de Iguala* que buscam policiais municipais. Ambas as histórias, de Sandra e das mulheres que buscam policiais, relacionam-se dramaticamente com o perfil de Adriana Bayena, coordenadora da organização de familiares.

A melhor forma de leitura é a que está sugerida na ordem em que aparecem os links sobre as fotos na página central, porque, caso as histórias secundárias sejam lidas fora de ordem, alguns personagens podem não ter ainda aparecido na reportagem. Assim mesmo, as histórias são dotadas de

certa independência em relação às outras. Para que o leitor leia a história secundária e volte ao mesmo ponto do texto central, um recurso gráfico foi utilizado. Sem clicar nos links, o leitor não tem acesso às demais páginas, à medida que não há um menu de todas as páginas que formam a reportagem, justamente para evitar a leitura fora de ordem.

A reportagem *Guerrero* é formada pelas seguintes histórias individuais e complementares: *Lupe, o comedor de iguanas*; *Uma família de Iguala*; *Uma mãe contra uma dinastia de narcos e as mulheres que buscam policiais*; *Meu filho voltou para contar sua história*; *A mulher dos olhos mais tristes*; *Mãe da solidão*; e o *Buscador radical*.

Os textos complementares são: *Divergências entre os grupos de familiares e movimento de Ayotzinapa*; *Imprensa segue Mario Vergara a Tierra Caliente em busca de ossos*; *Guerrero: um estado onde ser indígena é sinônimo de ser pobre* e *Cifras explosivas e a dinâmica dos cartéis*.

Dois reportagens são independentes do resto e estão no final da reportagem principal: *Os vermelhos versus os esquilos* e *Refugiados internos*.

Para diagramar o conteúdo da reportagem, foi utilizada a plataforma *ReadyMag*. Criada em 2012, a ferramenta de publicação online tem o objetivo de permitir que qualquer navegador possa atuar como um publicador de conteúdo. Com recursos limitados é possível utilizar a plataforma na versão gratuita, o que impossibilita, por exemplo, a criação de mais de dez páginas em cada projeto criado. Para evitar essa limitação, foi pago durante dois meses o plano básico da plataforma, chamado *Creator*, com custo de R\$ 80 ao todo. A reportagem soma no total cerca de 300 mil caracteres com espaços.

2.1 OBJETIVO E MÉTODOS

As primeiras partes da reportagem têm o desafio de tecer o contexto histórico, político, geográfico, social, cultural da questão dos desaparecimentos forçados no México, com o emaranhado de redes e de forças que lhe dão sentido e complexidade. Busca apresentar a narrativa, fazendo predominar o aspecto de reportagem, sem separá-la das teorias históricas e sociológicas e da sua forte implicação com os acontecimentos no campo político e social do México, de Guerrero e das cidades que são cenários das histórias contadas (Iguala, Chilapa, Acapulco e outras sub-regiões). Desde aí, a reportagem se propõe a buscar explicações sobre esses crimes hediondos, em massa e persistentes na história recente do México. Antes de tudo, tenta mostrar o seu significado para a população inteira de um estado e de um país, investindo na singularidade do seu rastro de destruição para as vítimas e moradores do Estado de Guerrero, especialmente em Iguala, cuja população sobrevive ao horror do

desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa. Para dar dimensão dessa tragédia criminosa, o texto reconstitui a história das Escolas Normais Rurais, criadas nos anos 30, acentuando o seu significado para a vida dos camponeses pobres. A partir daí, quer mostrar as conexões da chacina com a repressão política às lutas desses estudantes, intensificadas a partir do neoliberalismo na década de 80 e as ofensivas sistemática do Estado para extinção dessas instituições, que culminam no extermínio em massa com ocultação de cadáveres em Ayotzinapa.

O principal objetivo da reportagem *Guerrero: Imersão em um estado de ausência e violência no México*, portanto, é denunciar a dimensão singular, particular e universal do drama humano dos familiares dos Outros Desaparecidos de Iguala, para as suas vítimas, para a população mais próxima, para o país e para a humanidade por inteiro. Antes de cumprir esse propósito, conto como os buscadores surgiram, de que modo se organizam e solucionam conflitos, por quais ideias são guiados e quais são as referências dentro do universo das organizações e movimentos da sociedade civil mexicana. Um princípio que norteou a escrita foi a escolha por não romantizar a coragem dos buscadores e mostrar como a dúvida, a desconfiança, o delírio, a neurose, as vaidades humanas, as divergências internas fazem parte do legado destrutivo deixado por esse crime lesa-humanidade capaz de desarticular qualquer comunidade. Os conflitos, incentivados pelas autoridades, são tão marcantes nessa dor compartilhada quanto as virtudes e os gestos heróicos. Nessa perspectiva, expus as contradições e os conflitos internos e externos entre os “herdeiros dos desaparecimentos”, procurando mostrar como os obstáculos burocráticos e estatais intensificam a solidão entre as famílias que carregam partes de uma mesma violência e lutam para si e pelos outros.

Em segundo plano, tento descrever como atuam os cartéis do crime organizado, investigando a relação entre suas atividades e esses desaparecimentos coletivos. Paralelamente, mostro o surgimento das polícias comunitárias como um fato conseqüente da falência do Estado na proteção e segurança do direito mais elementar à vida e à verdade, não a imposta pela oficialidade.

No trabalho de escuta aos movimentos políticos derivados da luta contra a violência das ausências, as lideranças e mesmo os familiares em geral mostram a compreensão de que se trata de crimes com a participação ou a negligência do Estado. Toda a reportagem aponta para a relação desses crimes de longa extensão no tempo e no espaço com a degeneração e falência das instituições. Esse nexos se apresenta tanto na configuração do crime de Ayotzinapa, como nas buscas coletivas e nas histórias dos desaparecimentos. Investigo o potencial de transformação da realidade de grupos como os Outros de Iguala e o Movimento de Ayotzinapa e procuro mostrar suas conquistas e as transformações que já produziram. Faço uma indagação aos lutadores sobre um projeto de futuro para o seu país, perguntado se, por exemplo, acreditam em uma revolução e/ou se defendem outras ideias como a diminuição das desigualdades sociais ou o aprofundamento da democracia.

Desde a concepção da reportagem preocupei-me em promover uma narrativa que não despolitizasse e nem fosse demasiado cristalizada no singular, alienando fenômenos aparentemente individuais das explicações políticas e sociológicas. A reportagem busca mostrar as lutas, as dores, o cotidiano de buscas, os sonhos e desesperanças que unem as famílias dos desaparecidos em uma comunidade ao mesmo tempo concreta nas buscas e reuniões e simbólica na identificação recíproca. Uma comunidade ao mesmo tempo heterogênea, complexa, conflituosa, mas que partilha um drama comum que a diferencia de outras.

Assim como anuncia o título da reportagem, *Guerrero dos desaparecidos – imersão em um estado de ausência e violência no México*, de fato, a reportagem desenvolve-se mais sobre a vida dos que permanecem do que sobre como viviam os ausentes. A preocupação maior é contar a história das violações contra toda população, à mercê da violência, sob a perspectiva dos familiares em busca. A escolha da palavra imersão deve-se à impressão de que muitos temas sociais de Guerrero estão presentes na reportagem e também se relaciona com o método de apuração: a observação participativa. Posso chamar de observação participativa, porque morei três meses na região, acompanhei as atividades, reuniões e as buscas e convivi com os buscadores. Passei vários dias e até semanas interrompidas na casa de famílias de desaparecidos, dividindo a mesa e ajudando nas despesas. Conviver com esses protagonistas proporcionou-me numa visão mais complexa sobre a personalidade e as ideias de cada um.

Utilizada ambigualmente no título, a palavra “estado” cumpre uma obrigação em uma reportagem sobre o Estado, uma das maiores idealizações das sociedades modernas que manifesta sua aguda degeneração no México. Em especial, sobre uma unidade federativa cheia de elementos sociais impressionantes: guerrilhas, movimentos indígenas, policiais comunitários e repressões. O estado e as instituições de Guerrero são caracterizados pela ausência de direitos, das pessoas que somem sem explicação, de justiça, de verdade, de comida, de educação, de saúde, de memória e de segurança. Paradoxalmente, esse estado de exceção se reproduz exercendo a violência, num cenário marcado pelo derramamento de sangue, sobretudo dos pobres identificados como “inocentes” ou “delinquentes”, ossos, armas, corporações policiais criminosas, milícias, Exército e vestígios de grandes crimes contra a humanidade.

2.2 ESCOLHA DO TEMA

Entre agosto de 2014 e janeiro de 2015, morei no México, depois de me inscrever em um programa de intercâmbio acadêmico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estudei no curso de Comunicação de uma universidade pública do Estado do México, na capital Toluca, a cerca de uma hora da Cidade do México. A Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM) está distante cerca de cinco horas da Escola Normal Rural Raul Isidro Burgos, no Estado de Guerrero. Pressionada pelo movimento estudantil organizado da UAEMex, em particular na Faculdade de Ciências Políticas, a reitoria acabou disponibilizando dois ônibus para que os estudantes fossem representar os discentes no I Congresso Estudantil Nacional em 30 de novembro de 2014. Os ônibus não foram cheios, talvez pelo medo, os estudantes resolveram não arriscar-se a conhecer o olho do furacão que abalava o país. A Faculdade de Ciências Políticas localiza-se em Toluca, uma cidade com vida política e cultural pouco ativa e conhecida pelo domínio do partido que está no poder no Estado do México e na Presidência da República, o Partido da Revolução Institucional (PRI). Quando foi governador do Estado do México, onde nasceu, o atual presidente Enrique Peña Nieto (PRI) comandou, no ano de 2006, um dos maiores escândalos do último decênio: o “massacre de Atenco”. Nesse episódio, dezenas de camponeses foram torturados e mulheres estupradas e abusadas por militares.

Depois de seis meses, com o término do intercâmbio acadêmico, retornei ao Brasil em janeiro de 2015. Em relação à experiência com a indignação no México, com os normalistas e com o movimento estudantil, publiquei uma entrevista em vídeo com dois estudantes da Escola Normal e um ensaio jornalístico sobre o contexto do massacre: “Movimento estudantil mexicano se reorganiza após o massacre de Ayotzinapae o Dossiê Ayotzinapa: Politicamente vivos!”, ambos para o coletivo de jornalismo independente *Maruim*. Ainda no México, fiz meu ensaio final da disciplina Comunicação, Cultura e Formas de Pensamento sobre o assunto: “A apropriação estética dos rituais da festa dos mortos nas manifestações pelos caídos e desaparecidos do caso Ayotzinapa”. A partir de uma experiência de cinco dias em uma comunidade indígena da etnia Náuatl, na Montanha de Guerrero, no município de Temalacazingo, escrevi a reportagem-crônica: “Comunidade Náuatl do Estado de Guerrero, o mais pobre do México, rebela-se contra o desmando, o medo e a cultura imposta”. Também publiquei na revista *Rebela* do Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) da UFSC um ensaio fotográfico sobre a Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, chamado “Ayotzinapa século XXI: um México que não desperta do pesadelo do massacre de Tlatlelolco”.

Estive envolvida na cobertura e recepção dos pais dos normalistas desaparecidos e um sobrevivente, durante a Caravana 43 por Ayotzinapa na América do Sul, entre maio e junho de 2015. Participei, particularmente, dos eventos na cidade de Porto Alegre, filmei as atividades, entrevistei os participantes e convivi com certa proximidade com três pais de desaparecidos e com um dos sobreviventes Francisco Sánchez Navas da noite do massacre. A partir dessa experiência, tentei

conduzir a produção de um documentário, mas desisti do projeto, porque seria muito difícil terminá-lo sozinha. Para a disciplina de Redação VII no Curso de Jornalismo da UFSC, ministrada pelo Professor Mauro César Silveira, no primeiro semestre de 2015, escrevi a reportagem, como trabalho final: *A via-crucis dos pais e de um sobrevivente do massacre de Ayotzinapa – Caravana 43 Sudamérica passa por Porto Alegre e denuncia mais um crime de Estado no México.*

Ao longo do ano de 2015, fiz parte da organização de dois eventos de divulgação sobre o assunto. Um no Centro Acadêmico do Curso de Biologia da UFSC, em abril de 2015, em paralelo ao evento “Sarau Descolonizador”, onde expus fotos, os rostos dos desaparecidos e poesias sobre as 43 ausências. O segundo ocorreu numa casa noturna da Lagoa da Conceição, a convite de uma organização política, na festa “Zapatista”, onde expus fotografias da Escola Normal Rural e exibí o vídeo *Movimento estudantil se reorganiza após massacre de Ayotzinapa*, publicado pelo *Coletivo Maruim*. Também editei, a pedido de uma normalista engajada da cidade Iguala, Danya Gutierrez Martinez, uma entrevista em vídeo na qual a estudante conta como ajudou os colegas na noite do massacre.

O fato de estar no México no período em que desapareceram os 43, marcou-me profundamente enquanto jovem guida por utopias e estudante de Jornalismo. A primeira reação foi de incredulidade e a segunda de indignação. Particpei de todas as manifestações de rua na cidade em que morava, Toluca, e na Cidade do México. Desde o início da graduação, sempre estive envolvida e interessada em temas comuns aos povos latino-americanos, como as ditaduras civis-militares que foram instauradas em quase todo o continente. O desaparecimento forçado sempre esteve presente no meu imaginário sobre os Estados opressores na América Latina. Dificilmente, porém, o fenômeno do desaparecimento era debatido como um problema atual nos ambientes onde eu circulava e construía minha formação. Uma de minhas colegas no México era filha de um refugiado político chileno perseguido pela ditadura de Pinochet. Depois de Ayotzinapa, ela ligou para o pai para contar que tinham sido descobertas mais fossas clandestinas. O exilado respondeu: “Hoje em dia? Nós víamos o México como o país mais democrático da América Latina. Pedíamos refúgio ao governo mexicano para fugir das ditaduras”.

Não foi com menos perplexidade que li a reportagem do portal mexicano *Sin Embargo* sobre um novo coletivo apelidado de os “Buscadores de Tesouros de Inestimável Valor”. Tratava-se do grupo de familiares de desaparecidos: Os Outros Desaparecidos de Iguala. Eles queriam mais que denunciar, gritar ao mundo que o caso Ayotzinapa não era uma exceção. E o mais chocante: já tinham encontrado dezenas de pessoas enterradas clandestinamente sob o solo de Guerrero. A União de Povos e Organizações do Estado de Guerrero (UPOEG), junto a familiares de desaparecidos passaram a se preocupar com “os outros desaparecidos”, os donos dos corpos que emergiram das profundezas revelando uma sinistra realidade, mas aos quais a imprensa e as autoridades não deram tanta importância. Em uma declaração ao *Sin Embargo*, o primeiro professor dos Outros de Iguala, que

meses depois seria misteriosamente assassinado, Miguel Jiménez Blanco defendeu que a parte mais dura do trabalho de busca nas colinas igualtecas é feita sem a participação das autoridades, como fruto da insistência destes pais, mães e irmãos que voltam a lugares onde os funcionários do governo dizem já terem esgotado as possibilidades de investigação.

Ao fim da leitura, lembrei do documentário *Nostalgia por la luz*, dirigido por Patricio Gusmán em 2010, que conta a história de um grupo de mulheres que resistem e caminham pelo deserto do Atacama buscando os ossos dos opositores do Regime de Pinochet. A persistência daquele pequeno grupo de mulheres depois de décadas me fez pensar se daqui a 40 anos, os pais de Ayotzinapa ou os descendentes dos desaparecidos estarão ainda em busca em Guerrero. Parece que em Guerrero o futuro para o qual foi carregado pela tempestade a figura emblemática do *Anjo da História*, está repleto de ruínas, fragmentos e mortos que os buscadores se esforçam para salvar do esquecimento e da ausência de despedidas.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

A pressa do trem do “progresso” puxado pela locomotiva do Estado e pelas políticas de destruição da vida que se agasalham no capitalismo, escondem os fragmentos humanos que são deixados para trás. Na verdade, as fossas clandestinas passaram a ser normalizadas em Guerrero, pois são o destino comum de grande parte dos corpos das vítimas de crimes de Estado, das *narcocorporações* ou de outras organizações criminosas. A quantidade de fossas clandestinas chega a cifras tão altas que não é difícil suspeitar da conivência do Exército e das instituições de governo com o genocídio.

Reze pelas Mulheres Roubadas, livro publicado em 2015, da autora estadunidense Jennifer Clement, serviu de inspiração para o trabalho. A narrativa ao estilo do realismo fantástico, um dos marcos da literatura latino-americana, é baseada em depoimentos colhidos durante décadas pela antropóloga em comunidades das montanhas de Guerrero. Clement escolheu aprofundar-se no tema do desaparecimento de meninas. Desde o início da pré-apuração, decidi não me concentrar na análise e apuração da violência e dos desaparecimentos de um grupo social específico classificado por idade, profissão, sexo ou atuação política. Resolvi identificar a participação direta ou indireta do Estado nessa violência e verificar se a chamada *Guerra às Drogas* e a atuação do narcotráfico vitimam principalmente os pobres, indígenas e moradores dos meios rurais em Guerrero. Pouco tempo depois do massacre de Ayotzinapa, um colunista do jornal *La Jornada* identificou o ponto de união entre

todos os massacres ocorridos na última década no México. Álvaro Delgado em seu artigo intitulado *México, patria rota (México, Pátria descomposta)* publicado no site da revista *Proceso*, identifica um ponto não variável em todos os crimes massivos recentes:

Implicados no horror que comoveu o mundo, na pior repressão do Estado desde 1968, os normalistas de Ayotzinapa, os policiais de Iguala e os sicários que desapareceram com 43 estudantes, que ainda não se sabe se murreram, possuem um distintivo común: São pobres. Também de extração humilde eram os 22 rapazes identificados como pistoleiros que foram fuzilados em Tlatlaya, Estado de México, a mesma condição econômica e social de seus supostos algozes: Soldados do Exército Mexicano. Do mesmo perfil socioeconômico eram os 45 indígenas de Acteal, Chiapas, assassinados em 22 de dezembro de 1997, o mesmo de seus executores submetidos a processo. Pobres eram os 17 campesinos abatidos no vado de Aguas Blancas, Guerrero, em 1995, por policiais estatais, miseráveis também. (Tradução nossa). (DELGADO, 2014) *Documento eletrônico não paginado.

Ressalto que todos os eventos citados possuem evidências da participação de forças estatais. A partir da pesquisa decidi investigar a organização popular e a resistência, colhendo depoimentos sobre como os pobres organizam-se para sair do luto e ir à luta: polícias comunitárias, autodefesas, buscadores de desaparecidos, movimentos por justiça, movimento indígena, municípios autônomos e boicotes contra o Estado e suas eleições, consideradas pela maioria como farsas. Existia a hipótese de que a reação popular contra a violência seria tão forte quanto a opressão, pelo menos em relação à revolta com o crime de Ayotzinapa. Sobre este movimento, nas grandes cidades, a antropóloga, especialista em juventude e violência, Rosana Reguillo escreve:

Este brutal acontecimento parece ter sacudido na raiz a indiferente convivência com a morte violenta que tem passeado nestes territórios com carta de cidadania. Um furacão de raiva e desconcerto recorre a geografia de sul a norte, marés humanas formadas principalmente por jovens estudantes têm caminhado pelas ruas de dezenas de cidades do país e, em muitos casos, tanto alguns correspondentes estrangeiros como muitos cidadãos, abrem seus olhos sem alento, como se estivessem frente a fatos que parecem inéditos, mas não, não são. Ainda que inédita seja a crua e aterradora evidência do grau de decomposição nas estruturas do Estado, que já não pode esconder em nenhum boletim de imprensa, em nenhuma declaração, posse, ou lamento que a narcopolítica capitalista controla boa parte da paisagem nacional. (REGUILLO, 2014) *Documento eletrônico não paginado.

A repercussão mundial do massacre de Ayotzinapa evidenciou a necessidade de discussão da violência no México para além do Estado de Guerrero e das fronteiras nacionais. Muitos organismos internacionais foram chamados a acompanhar o comportamento e postura do Estado mexicano frente à crise. Analisando os dados específicos do Estado de Guerrero e do México, podemos perceber que o massacre de Ayotzinapa não é um fato isolado e é apenas um episódio paradigmático fruto de um contexto muito amplo. O problema da violência na América Latina, quando se refere ao narcotráfico, parece sempre estar relacionado com uma guerra contra os pobres; e os números são testemunha disso. Se em Guerrero, morrem indígenas e a população rural explorada, nas periferias das grandes cidades brasileiras, morrem jovens negros, pelo mesmo motivo: o tráfico e a violência de Estado gerada em nome de um suposto combate.

O México, durante o período em que praticamente toda a América Latina vivia sob o jugo de ditaduras civis-militares, foi refúgio de perseguidos políticos. No país mais ao norte da América Latina, sempre houve eleições durante o século XX, pós-Revolução Mexicana de 1910, que fundou o primeiro Estado Moderno de nossas nações de colonização ibero-americana. Partindo deste fato, é possível perceber que o conceito de democracia não pode estar apenas relacionado ao simples dado de haver eleições ou não. Enquanto o Brasil vivia o início do período ditatorial de 1964-1985, no qual morreram ou desapareceram cerca de 500 pessoas pelo regime, o México estava na terceira década de governos do Partido da Revolução Institucional (PRI), e foi cenário da repressão aos levantes de 1968 mais sangrenta de todas: o massacre de Tlatelolco na Cidade do México.

Por ser um país alinhado à política econômica externa dos Estados Unidos, o México é bem visto pelos defensores do neoliberalismo, sua política de privatização e de combate ao narcotráfico é elogiada pela grande mídia. Pouco podemos saber sobre este país, a segunda maior economia do Continente, através da mídia brasileira. Os massacres contra pobres e indígenas não possuem a mesma repercussão que outras tragédias europeias, por exemplo. Defendo que existe um bloqueio informativo entre os países da América Latina e isto justifica a importância deste trabalho, que tem como horizonte transformar e intensificar a circulação de informações dentro do Continente Americano.

4. APURAÇÃO E APRENDIZADO

A apuração foi realizada no período de dois meses e meio no Estado de Guerrero, no sul do México. A viagem começou no dia 15 de dezembro de 2015 e terminou em 8 de março de 2016. As primeiras duas entrevistas foram realizadas na cidade de Chilpancingo, capital do estado. O defensor de direitos humanos Javier Monroy, em uma entrevista de três horas, falou sobre como os coletivos iniciaram a luta contra o desaparecimento forçado. Tudo começou em 2008, quando o militante e arquiteto Jorge Gabriel sumiu depois de se reunir com um político. Para traçar suas estratégias, os familiares tinham como referência a luta das vítimas da *Guerra Suja* nos anos 1960-70. A partir da entrevista com Javier Monroy, percebi a existência de conflitos entre as organizações sociais, o movimento pelos 43 estudantes de Ayotzinapa e os grupos de familiares dos desaparecidos. Resolvi perguntar para todos os entrevistados sua visão sobre o crime de Estado e sobre a necessidade de mudar o país. Um dos principais questionamentos era sobre o entendimento dos familiares sobre o Estado e os governos antes do desaparecimento e como passaram a enxergar as instituições depois. Programei os seguintes questionamentos: Você sabia que o Estado estava envolvido nos crimes? Você sabia que policiais eram parte das organizações criminosas antes do crime de Ayotzinapa ou antes da busca por fossas?

Na sequência, ainda em Chilpancingo, entrevistei Blandina Diéguez que luta por justiça em memória do esposo Longiño, um militante indígena do Partido da Revolução Democrática (PRD) desaparecido desde 2010. Blandina sustenta que um deputado do partido participou do crime. A entrevista não foi usada no TCC, mas indicou que as histórias de desaparecimento forçado abundavam e que os parentes das vítimas estavam abertos à imprensa, principalmente à estrangeira. Outro aspecto que ajudou na apuração foram os relatos de Blandina sobre a desconfiança em relação aos serviços de investigação do governo e sobre a omissão e o desrespeito que marcam o atendimento às vítimas: ela relatou o abuso sexual que sofreu de um funcionário público. O jornalista Yener de Los Santos me indicou as duas fontes de Chilpancingo. Ele também conseguiu o contato do buscador dos Outros Desaparecidos de Iguala, Mario Vergara.

Toda a minha apuração deu-se numa dinâmica de ligação de pontos improvisada: eu não conhecia ninguém de Iguala antes de chegar a Guerrero. Não houve nenhum tipo de produção, apenas uma pré-apuração baseada em artigos, reportagens e livros.

Toda vez que entrevistava alguém, pedia por indicações de contatos, endereços e telefones. Uma fonte me guiou a outras para entrevistas e também para hospedagem. Precisei confiar nas pessoas e poucas vezes as referências acabaram em situações ruins. Em geral, os constrangimentos foram causados pelo machismo que reina no México. Mas o mesmo

conservadorismo fez com que alguns homens me tratassem com muito cuidado, preocupados com a minha segurança.

No povoado de Huitzucu, entrevistei Mario Vergara durante as celebrações do Natal em família. Também em Huitzucu, conheci o casal Maria Luiza e Gerardo Ocampo, que há alguns meses tinham recebido os restos do filho desaparecido. Foram a terceira família dos Outros Desaparecidos de Iguala a se confortarem com a prova da morte. Durante esses quatro dias, a equipe do documentário *Guerrero*, dirigido por um cineasta francês, que conta a trajetória de lutadores sociais, filmou o cotidiano de Mario Vergara. A chegada da equipe prejudicou minha convivência com o buscador, mas também propiciou momentos importantes para entender quais os valores motivavam a missão que Mario Vergara havia tomado para si. Uma das atividades registradas foi a escavação que ele empreendeu solitariamente ao lado de uma plantação de milho em busca de ossos. A teimosia e a desenvoltura para falar com imprensa foram as impressões que se sobressaíram. Além disso, Mario narrou com detalhes o processo de conscientização e lucidez sobre as injustiças do país, pelo qual passou a partir do desaparecimento forçado dos 43.

Na caminhonete de Mario, viajei a Iguala e participei da primeira busca por fossas clandestinas dos Outros Desaparecidos. Ao todo, presenciei seis saídas ao campo. Três delas em Cocula. Apenas nessa primeira e numa outra busca organizada por Vergara havia jornalistas. Nas demais, pude ter mais intimidade com os buscadores, sem disputar sua atenção. O primeiro desafio foi físico. O segundo consistiu em criar as condições para que os familiares confiassem em mim a ponto de revelar sua dor e sua alma com o máximo de sinceridade. Depois da busca, a irmã de Mario Vergara, Maira, conversou com o buscador Guadalupe Contreas e pediu que ele me ajudasse a encontrar um lugar para ficar na cidade.

Nos três meses de apuração, não precisei me hospedar em hotéis. Meu plano era ficar uma semana em Iguala, mas acabei ficando um mês e meio, devido à quantidade de entrevistas possíveis e à riqueza de conteúdo das buscas. O primeiro personagem que me chamou atenção durante a busca foi Margarito Gilles. Aos 78 anos - era o buscador mais velho -, cantava enquanto vasculhava a terras dos montes. Filmei a cena, que me pareceu poética. Margarito também prometeu me ajudar a encontrar um quarto, o que de fato fez. Mas até o Ano Novo, dormi na casa de Guadalupe.

A festa de Ano Novo na moradia dos Contreas foi uma experiência rica e me possibilitou conhecer melhor a família de Lupe. Infelizmente, minha presença influenciou na rotina. Por exemplo, Guadalupe brigou com um genro, que o irritou ao inconvenientemente me convidar para dançar. Outro problema fez com que eu deixasse a casa, sem parar de visitar Guadalupe todos os dias, enquanto estive em Iguala: o costume da neta Natalia, de 16 anos, de me pedir dinheiro. Além do mais, ela me persuadia a comprar comida e usava meu celular sem

pedir, apagando os números na sequência. O filho mais novo de Lupe, Samuel, me contou que Natalia estava planejando uma fuga. Ela não quis me contar se o boato era verdade.

De certo modo, durante a apuração detalhes da vida da família começaram a me interessar tanto quanto as buscas e os desaparecidos. Eu não conseguia dizer não à Natalia, porque a jovem mãe alegava que o avô não tinha deixado dinheiro para as refeições dela e da pequena Cláudia.

A pobreza da família me impressionou e, mais ainda, a ausência de políticas públicas expressa, principalmente, na falta da coleta de lixo. Há anos a família acumula lixo no quintal de casa. Dom Lupe cria muitos animais soltos: esquilos, porcos, galinhas, galos, patos, cachorros e gatos. As más condições de higiene me deixaram preocupada com o bebê, a ponto de eu sugerir que a adolescente se livrasse do cachorro Canelo. Natalia muitas vezes servia o prato de comida no chão de terra (a casa não tinha assoalho) e Cláudia, dois anos, permitia que o cachorro dividisse a refeição com ela. Senti que o sofrimento humano que mostrava sua face mais dramática em Iguala, naquele momento, tornou-me indiferente aos animais. Acredito que esse envolvimento com as pessoas tenha influenciado na escrita da reportagem. Tento, em certos momentos do texto que pedem mais observações, descrições e interpretações, trazer minhas experiências compartilhadas com os personagens à narrativa. Walter Benjamin disserta sobre a experiência do narrador na relação de alteridade: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p. 201).

Na casa de Dom Lupe, o quarto onde eu dormia não tinha porta e uma Santa Morte estampava uma das paredes. Outra miniatura da santidade cadavérica me observava desde a estante. Pensei em começar a acreditar nela, mas o filho mais novo de Lupe, Samuel, não me ensinou a cultuá-la. O odor do lixo acumulado, o barulho dos porcos, o calor e o cheiro do cachorro com quem dividia as cobertas dificultavam meu sono. O banheiro improvisado também dificultou a adaptação. Os moradores - como era normal nas casas típicas de Guerrero - banhavam-se com uma caneca, sem desperdício, pois a água só chegava uma vez por semana.

Dias depois, o buscador Margarito pediu que um vizinho me hospedasse no bairro La Zapata. O professor Efrain cobrou-me 70 reais para duas semanas: um valor quase simbólico. A família de Margarito passou a visitar-me diariamente. Fiquei impressionada e tensa com as histórias sobre o narcotráfico que eles insistiam em narrar sem poupar um único detalhe mórbido. A exposição à violência talvez tenha plantado a semente do sadismo, pelo menos na oralidade daqueles cidadãos de Iguala. A antropóloga mexicana Rossana Reguillo faz uma reflexão de como a violência exacerbada é compreendida ou naturalizada pela

sociedade mexicana. Um dos focos de análise é a narrativa acerca da violência, que é tratada principalmente na imprensa diária. Ela entende que a maioria das narrativas sobre a crise que enfrenta o México possui o caráter implícito de passar a mensagem que motiva a prática da violência exemplar:

Então, as violências e de maneira especial, a narração das violências, despolitizam o político, instauram o temor e o medo como laço societal primário e aceleram o debilitamiento do pacto social e a acentuação do individualismo como forma de resposta ante um mundo que não parece governável, não assimilável, nem representável por nenhum tipo de racionalidade fundada (fundamentada) em acordos coletivos. (tradução nossa) (REGUILLO, 2014, p.4-5).

Por outro lado, Margarito, o avô, preferia a ingenuidade ao culto às narrativas da violência. As histórias assustadoras não apagaram a generosidade dos Giles. Nas vezes em que fiquei doente, eles me levaram frutas, água e remédios. Como não era recomendado sair depois que escurecia em Iguala e a cidade não oferecia nenhum outro atrativo para além das histórias dos buscadores, muitas vezes eu dormia às 20 horas. Algumas vezes fui acordada por tiroteios distantes ou por pedradas na janela. Felizmente, as pedras eram atiradas pelo neto de Margarito. Carlos era o responsável por me chamar para comer ou perguntar se eu estava bem. Já os tiros, não sei de onde vinham. Em algumas ocasiões, eu e os parentes de Margarito discutimos sobre os normalistas de Ayotzinapa. Nelas, a família acusava os estudantes de atrocidades e não escondia seu apoio à criminalização das lutas. Um dos filhos de Margarito, Guilherme, defendia que o irmão desaparecido era culpado por ter sumido e não respeitava a busca do pai.

No dia primeiro do ano de 2016, acompanhei Lupe até o terreno onde foram encontradas as fossas de oito policiais em novembro, mas, inicialmente, ele queria me levar a outro lugar chamado Colonia del Carmen. O plano mudou porque o taxista que nos levaria até Carmen alertou sobre o perigo que corríamos. Leopoldo nos chamou de irresponsáveis e ainda disse que eu poderia ser estuprada caso fosse aceitasse o plano de Lupe. Foi a primeira vez que senti medo em Guerrero, mas a sensação ruim passou rápido. Eu teria ido a Carmen se o meu guia tivesse insistido. Não ficou claro se o taxista estava exagerando ou se o meu amigo era uma pessoa francamente temerária. A relação de Guadalupe com a morte era bastante diversa à minha: “Se un día nos toca la muerte, nos toca”, ele tentava se conformar. Com a convivência com o sofrimento das famílias, a diferença entre viver e morrer não parecia mais tão grande. Vivos e mortos conviviam na mesma nação, ao contrário do que escreveu Mia Couto: “Encheram o céu de bandeiras e a terra de fronteiras, mas só existem duas nações: a dos vivos e a dos mortos”. Na nação dos buscadores de fossas, os desaparecidos nunca estiveram tão vivos, pelo menos na memória.

Naquela mesma noite, eu e Lupe fomos a Mezcala para uma entrevista com Jesús Canaan, um dos coordenadores dos buscadores e uma referência para o meu guia. O carro não era do pedreiro Lupe, fora emprestado de um tio. Guadalupe esforçou-se muito para conseguir o veículo e tornar a viagem possível: em troca, paguei a gasolina. Logo no início da entrevista, Jesús Canaan fez uma piada com estupro, eu decidi não o repreender, mas o comentário ficou registrado na minha cabeça e no gravador. Uma de suas frases definiu a visão que eu construiria sobre as pessoas envolvidas naquela situação de violência e tensão: “Temos mente de novelista”. Era verdade. Naquela noite, Canaan contou dezenas de histórias especulativas sobre os 43 desaparecidos de Ayotzinapa e as organizações criminosas, que pareciam mais lendas de terror do que teorias da conspiração. No caminho de retorno a Iguala, eu e Lupe estávamos silenciosos. Percebi que ele também estava com uma ponta de medo, porque estacionou no acostamento da estrada, imaginando que estávamos sendo seguidos por outro carro.

Durante a viagem, pude gravar a primeira versão do desaparecimento de Ivan. Relato não menos sinistro, mas nada raro naquela parte do planeta. A cada dia, por meio da imprensa, de observações dos comboios policiais e militares e das conversas com fontes e pessoas que atravessavam o meu caminho, convenci-me de que o que acontecia em Iguala não poderia ser aceito como normal e que era urgente que a população se organizasse para retomar a cidade das mãos dos *narcos* e das autoridades aliadas a eles ou na posição de maestros da violência. Era necessário retomar o território e viver sem medo de desaparecer.

Guadalupe, quando eu partia de Iguala, emprestou-me um livro, que provavelmente nunca devolverei. Chama-se *Campos de amapola antes desto*, de Lolita Bosch, uma obra que mescla e funde gêneros, reportagem, policial, ensaio, poesia concreta, *narcocorridos* e muitas citações. Num dos epílogos dos capítulos, sublinhei um trecho que poetiza sobre a resistência que significava continuar vivendo e ocupando os espaços apesar do horror:

Algunos recomiendan que abandonemos la ciudad, que la dejemos a solas con sus verdugos. Pero no me voy a ir de aquí. Ni aunque los ajustes de cuentas se hayan puesto en boga y la muerte tenga numerosos admiradores que la honran ofreciéndoles cabezas en hieleras o cuerpos columpiándose bajo los puentes. No me voy a ir de aquí porque espero que algún día la ciudad regrese a mis brazos. Me quedo aquí -como mis hermanos, amigos, vecinos o el resto de la gente que ni siquiera tiene la oportunidad de escribir como lo hago en este momento- pero no para contemplar la agonía de nuestra ciudad o los signos del oprobio en su cuerpo mancillado. Haré lo que tantos hombres y mujeres hacen para cambiarla y para cambiar este mundo: cultivar un jardín, barrer la acera de su casa, sonreírle a quien pasa, empujar al niño inmóvil en el columpio, escuchar música, abrir un libro, ofrecer un vaso con agua, correr por el parque.

A experiência na companhia de Dom Lupe está narrada no texto *Lupe, o comedor de iguanas*, único texto escrito em primeira pessoa. A escolha desse recurso considerado literário e, por vezes, um sacrilégio jornalístico, está ligada à convivência mais intensa que tive com o personagem e sua família. Criamos uma relação de amizade e, ainda hoje, o buscador me mantém informada sobre as novidades de sua vida pessoal e do grupo, principalmente. Muitas vezes desabafa, comentando a decepção que sente quando não encontra corpos – sua obsessão. “En Veracruz sacando muchos cuerpos llevamos 85 fosas y calcula que como 250 cuerpos”, respondeu em uma mensagem de outubro de 2016. Em novembro, também pela internet, familiares de Guadalupe me contaram que o filho mais velho havia sido raptado, mas foi liberado. Com medo de desaparecerem como o irmão Ivan, Alfredo e Samuel Contreas saíram de Iguala. Sobre o sequestro que não terminou em tragédia, Lupe respondeu de forma lacônica: “Ya se solucionó”. Com as mesmas parcas palavras, meu amigo responde à trivial pergunta de praxe: “Todo bien?”, pergunto e “Sobreviviendo”, ele contesta, curto e dramático.

No último dia em Iguala, Lupe contou que tinha participado da vingança contra os algozes do filho desaparecido. Uma série de elementos me fez desconfiar da história de Lupe, sobretudo, aspectos de sua personalidade e outras histórias mirabolantes que ele costumava contar. Percebi que poderia ser importante para ele mostrar-se como um homem capaz de vinganças. Afinal, demonstrações de fraqueza não eram de seu feitio, apesar de sempre valorizar seus atos de generosidade com os outros.

Guadalupe é um típico homem mexicano do interior, criado no catolicismo e numa violeta cultura patriarcal. O escritor Octavio Paz, autor de uma das obras mexicanas mais importantes e influentes, *El Laberinto de la soledad*. No capítulo *Máscaras Mexicanas*, Paz promove uma crítica à masculinidade modelo na cultura mexicana, cujas idiosincrasias impõem aos mexicanos uma dualidade que aprisiona o desenvolvimento dos sujeitos. Para definir o que se entende por “macho”, Paz recolhe da linguagem popular a metáfora do “rajado”, símbolo da feminilidade profundamente desprezado. É contra esse símbolo que o verdadeiro homem deve lutar dentro de si para provar seu valor e nunca sofrer a humilhação de “se abrir” como uma mulher - seres que já nascem abertos e violáveis. Abrir-se significava ceder, entregar-se, render-se e, portanto, chorar, comover-se e pedir ajuda, tornando-se indigno do posto de provedor:

El lenguaje popular refleja hasta qué punto nos defendemos del exterior: el ideal de la "hombría" consiste en no "rajarse" nunca. Los que se "abren" son cobardes. Para nosotros, contrariamente a lo que ocurre con otros pueblos, abrirse es una debilidad o una traición. El mexicano puede doblarse, humillarse, "agacharse", pero no "rajarse", esto es, permitir que el mundo exterior penetre en su intimidad. El "rajado" es de poco fiar, un traidor o un hombre de dudosa fidelidad, que cuenta los secretos

y es incapaz de afrontar los peligros como se debe. Las mujeres son seres inferiores porque, al entregarse, se abren. Su inferioridad es constitucional y radica en su sexo, en su "rajada", herida que jamás cicatriza. (PAZ, Octavio, p.10)

Sem dinheiro, Guadalupe saía às buscas dominicais em jejum. No máximo, para repor o açúcar do sangue e se refrescar, comprava uma *Coca-cola*, único luxo que se permitia. Foi difícil ele aceitar que uma mulher comprasse pães e água para que seguisse firme nas buscas. Apesar da resistência, com o tempo, ele cedeu.

Guadalupe prometeu que conseguiria para mim uma entrevista com um integrante de um dos cartéis de Iguala, *Los Rojos* ou *Guerreros Unidos*, mas não cumpriu a palavra. Dei-me conta de que se eu quisesse investigar cada história de desaparecimento, provavelmente não teria voltado para casa. Era muito perigoso ir atrás de certas pistas e pessoas.

Outro episódio marcante foi a entrevista com Carmen Abarca Beltrán, que busca o esposo Saturnino, um policial municipal. Ela garantiu que não sabia de nada sobre o desaparecimento do marido. Carmen me recebeu em sua casa, preparou almoço e apresentou seus papagaios. Era muito simpática e me impressionou sua coragem de buscadora. Duas semanas depois entrevistei Sandra Román, mãe de uma jovem desaparecida, Ivette Melissa. É necessário destacar que essa é a única história sobre o sumiço de uma mulher em toda a reportagem. Entre os casos reivindicados pelo grupo, 80% são de homens desaparecidos. Román deixou claro que corria risco de vida durante toda a entrevista e implorou que nenhuma informação fosse publicada no México, esse era, aliás, um dos pré-requisitos para conceder a entrevista; o segundo, era não fotografá-la. Por este acordo, não incluí uma foto dela na reportagem. Ilustro o texto com a reprodução de um *outdoor* da PGR que oferece uma recompensa de um milhão e meio de pesos por informações sobre a jovem Ivette Melissa. Desde a leitura do livro *Reze pelas mulheres roubadas*, de Jennifer Clement, soube da ligação entre o tráfico de mulheres e os cartéis e essa era a hipótese da mãe sobre o paradeiro da filha: Melissa poderia ser uma escrava sexual dos narcotraficantes.

Sandra Román me garantiu que Carmen Abarca era amiga de Humberto Velásquez, ex-sogro de Ivette Melissa. O homem é um poderoso comandante do narcotráfico guerrerense, acusado de sequestrar a filha de Sandra. Perguntei à Carmen Abarca se mantinha relações com Humberto Velásquez e ela respondeu com uma ameaça velada: “Esse assunto é perigoso para ser tratado em qualquer lugar”. Ao pesquisar sobre o histórico de Humberto, verifiquei que os Velásquez realmente eram conhecidos pelo envolvimento com o crime organizado. Muitas reportagens investigativas sustentavam os nexos da família com cartéis de Guerrero.

Ao longo da apuração, enfoquei-me em entrevistar as vítimas de desaparecimento forçado, quando funcionários públicos estão diretamente envolvidos no crime. Isso me ajudou a embasar a hipótese de que o Estado mexicano está em colapso. Os relatos foram ao encontro do que os movimentos sociais e os defensores dos direitos humanos defendiam: “vivemos em um *narcoestado*”.

Entrevistei pessoas que buscavam policiais, envolvidos e não envolvidos nos crimes, funcionários públicos importantes, políticos, adolescentes sequestrados por policiais. A esmagadora maioria negava que o desaparecido fazia parte de alguma organização criminosa. Os policiais municipais de Iguala e Cocula, muitos dos que estão presos pela participação no massacre de Ayotzinapa, são apontados pelas famílias como responsáveis pelo desaparecimento de parte desses anônimos. A diversidade das vítimas é grande. Apesar da maioria ser oriunda de famílias pobres, há casos de um empresário do ramo da joalheira e até do filho de uma mulher passadora de roupas de origem indígena. Por outro lado, notei que a coordenação dos Outros Desaparecidos de Iguala era formada pelos integrantes com mais estudo e com melhores condições financeiras. Os coordenadores muitas vezes mostraram duvidar da capacidade de raciocinar e de se organizar dos demais. Isso, para eles, justificava a concentração de tarefas nas mãos de poucos e a restrição às decisões e ao acesso às informações nos limites da coordenação. Os resultados das buscas não eram discutidos em reunião, por exemplo, sobrando mais espaço para as pautas ligadas aos apoios financeiros e à caridade.

Sem sombra de dúvidas o episódio que mais me intrigou durante a apuração foi a intensa primeira busca do ano de 2016 em Cocula. Durante o recorrido, um camponês revelou que sabia onde estava a fossa dos 43 normalistas, mas o grupo não se importou e o caso não foi levado adiante. Não tive mais notícias sobre novas informações a respeito desse boato.

Desde que comecei a acompanhar o grupo, foi a primeira vez que os buscadores encontraram ossos. Com o tempo, passei a me interessar em apreender suas técnicas e procurar junto com eles as evidências de escavações. Lupe foi quem socializou o maior número de fundamentos.

Em todos os conflitos entre os integrantes do grupo, Mario Vergara mostrava-se o mais combativo e inconformado com as autoridades. Suas práticas e ideias o aproximavam dos movimentos sociais de esquerda. Admito que suas posições me pareciam mais coerentes e lúcidas do que o comodismo burocrático defendido por outras figuras de destaque. Mesmo com essa análise, compreendi o receio dos outros: eles estavam encurralados entre os criminosos e as autoridades e temiam perder suas conquistas. Porém, suspeitei que algumas ressalvas sobre pressionar o governo poderiam conter outras motivações, que não tinham tanto a ver com características pessoais ou com a preocupação em proteger a própria vida, mas com

acordos obscuros, conveniência com autoridades interessadas na cisão da organização, além do conservadorismo ideológico que rechaça posturas radicais e contestatórias.

Constatei que a democracia nem sempre estava na ordem do dia naquela comunidade de buscadores, pois, na primeira busca do ano, a proposta de Mario venceu a votação sobre quais as medidas que o coletivo deveria adotar: denunciar amplamente os achados ou agir dentro do protocolo burocrático. A primeira opção foi escolhida pela maioria, mas os companheiros de coordenação desrespeitaram a decisão coletiva. Além do mais, um funcionário da Procuradoria Geral da República denunciou o plano de chamar a imprensa antes de reportar o achado dos ossos às autoridades e a exumação aconteceu em tempo recorde. Nos dias posteriores, falei com todos os buscadores detalhassem o que estava acontecendo. Nas conversas, os familiares se mostraram evasivos e pouco dispostos ao conflito. Alguns também não entendiam o que estava acontecendo, outros defendiam a atitude da coordenação e terceiros guardaram silêncio ou pararam de atender às ligações.

Nenhuma autoridade governamental foi entrevistada durante a apuração. Para organizar as muitas versões sobre os fatos e a multiplicidade de histórias individuais, achei coerente reunir algumas análises de defensores de direitos humanos, militantes e sociólogos. Entrevistei um sociólogo da violência, o professor Jose Luis Cisneros, que me relatou que o governo não fornecia dados precisos sobre a violência. Para embasar sua pesquisa, ele analisou matérias policiais publicadas em jornais e criou um banco de dados. A entrevista foi importante, mas Cisneros não detinha muitas informações sobre o contexto de Guerrero. Aparentemente, desconhecia a dimensão da crise de direitos humanos no estado e a intensidade do envolvimento das autoridades nos crimes. Ele citou a tortura e o desaparecimento executado por militares como fatos que remontavam aos anos 1960-70, no período da Guerra Suja, desconhecendo que há fortes denúncias sobre violações dessa natureza durante toda a década 1990 e que os crimes persistem na atualidade.

Na volta a Iguala, depois de uma viagem à Cidade do México, a mãe de um jovem desaparecido me recebeu em sua casa e revelou fatos muito íntimos e trágicos de sua história. Zenaida Candía ofereceu sua casa para que eu me hospedasse no quarto do filho mais novo. O aposento estava vazio e tristemente arrumado. Dois meses antes da entrevista, o jovem tinha sido baleado e morreu no hospital. Em profunda solidão, apenas mitigada pela convivência com os outros buscadores, Zenaida estava arrasada. Uma das primeiras coisas que ela disse durante a entrevista tinha relação com outra reportagem. Ela não gostou da publicação de sua imagem em uma matéria do *El Pais*. Na fotografia, mesmo que sombreado, reconhece-se o rosto de Zenaida. Antes de chegar a Guerrero, eu havia lido a publicação do *El Pais*. Zenaida chorou bastante durante a entrevista e concluí que não seria correto fotografá-la

naquela condição. A confiança daquela mulher que viveu sofreu as piores dores que a vida pode proporcionar - pobreza, fome, escravidão, abuso e a perda dos filhos - era muito valiosa.

Situação semelhante ocorreu na casa da militante Maria Herrera, mãe de quatro dos desaparecidos. Aos prantos, Maria também do desejo de morrer. O dilema ético repetiu-se. Também emocionada, acabei optando por não fotografá-la. Então, para ilustrar sua história, *A mulher dos olhos mais tristes*, usei uma peça da campanha da Anistia Internacional contra a naturalização dos desaparecimentos no México, onde aparecem os olhos de Maria Herrera anonimamente. Quando vi o cartaz na página da Anistia, guardei-o, pois imediatamente reconheci os olhos de Maria Herrera. Sua história é relativamente longa em relação a outros perfis. Acredito que o texto sobre Herrera é imprescindível, uma vez que, ao longo do texto central, mobilizo com frequência as ideias de Juan Carlos Trujillo, um dos filhos sobreviventes de Herrera.

Apesar de citar repetidas vezes a rede de *Enlaces Nacionales* e o trabalho de Trujillo, em parceria com a mãe, não dou desataque à sua personalidade e às particularidades de sua missão em nome dos quatro irmãos. *A mulher dos olhos mais tristes* confere um rosto e uma identidade ao Movimento Pela Paz com Justiça e Dignidade e à rede de *Enlaces Nacionales*.

Outros especialistas e militantes fazem parte da reportagem, não como personagens, mas como pensadores: Abel Garcia, Manoel Olivares, Javier Monroy, Chris Kyle e Jose Luis Cisneros. Esforço-me para criar um diálogo entre eles. Aponto as divergências entre os militantes dos direitos humanos e também entre os acadêmicos. O foco da discussão é se o Estado mexicano poderia ser definido como um *narcoestado* e se os desaparecimentos forçados dos anos da Guerra Suja representam uma continuidade no surto de violência e desaparecimentos forçados do século XXI.

Em nove de janeiro de 2016, viajei com Mario Vergara ao DF, com uma passagem em nome de Maira Vergara, comprada pela Comissão Nacional de Direitos Humanos. Participei do encontro de *Enlaces Nacionales*. Não havia imprensa no local e eu tive que argunetar para permanecer na reunião.

Em fevereiro, visitei a escola de Ayotzinapa pela segunda vez. Conversei com o porta-voz dos normalistas e perguntei por estudantes que tinha conhecido em 2014 e no Brasil durante a Caravana *Sudamerica* em junho de 2015. Descobri que o normalista, Francisco Sánchez Navas, que veio à *Caravana Sudamericana*, estava exilado nos Estados Unidos, por causa de ameaças de morte. Meu foco não era o caso Ayotzinapa, apesar de ter a certeza que a magnitude da tragédia e a reação eram responsáveis pela disseminação dos grupos de familiares e o fortalecimento da luta contra os crimes de Estado e contra o extermínio dos pobres no México.

Desde 2014, eu tinha lido centenas de reportagens sobre o crime contra os normalistas, que se enfocavam na história dos pais ou perfilavam os desaparecidos. Em junho de 2015, entrevistei quatro pais dos 43 e um sobrevivente, Francisco Sánchez Navas, em visita ao Brasil. O resultado das entrevistas não me atraiu muito, porque os pais estavam representando todo o Comitê de Ayotzinapa e dificilmente davam declarações espontâneas. Além do mais, estavam cansados de repórteres.

Mesmo sem focar-me nas mães e pais de Ayotzinapa, quando estive em Tecoanapa, na Costa Chica, falei com a avó de dois dos estudantes desaparecidos. Ela não queria ser entrevistada, estava farta e decepcionada com o movimento, que não tinha conseguido descobrir a verdade sobre o paradeiro dos 43, depois de um ano e meio de mobilizações. A mãe dos desaparecidos foi mais incisiva e não permitiu sequer fotografias. Apenas me revelou, muito abalada, que estava tendo dificuldades em falar com o marido que se encontrava em manifestações por Ayotzinapa no norte do país.

Em Chilapa, convivi mais com o professor e coordenador Navarro do que com outros familiares do coletivo de vítimas da invasão dos *Ardillos* em maio de 2015. Ao contrário do que eu esperava, Navarro revelou - sem constrangimento - ser muito próximo do governo estadual do Partido da Revolução Institucional (PRI), diferentemente dos familiares de Iguala. Durante os dias de apuração, ele me acompanhou pela cidade junto com uma escolta da Polícia Ministerial e ainda compartilhou sua suspeita em relação ao comandante que andava conosco: “Ele já está envolvido com os *Rojos*”.

Um dos aspectos mais ricos da estadia em Chilapa foi presenciar a *Luta dos Xochimilcas* no carnaval e outras festas religiosas. Produzi muitas fotografias sobre as expressões populares. Em um local tão violento e marcado pela morte, a alegria do carnaval são as lutas. Mas a violência dos *narcos* e a opressão do Estado chegaram depois, já a tradição é ancestral. Diferentemente, da luta pela preservação da cultura, a maioria torce para que o derramamento de sangue não se eternize.

Outra experiência importante para o entendimento da dimensão da crise humanitária que contamina Guerrero e seus povos foi possibilitada pelo Centro de Direitos Humanos José María Morelos Y Pavón. Acompanhei a equipe de defensores dos direitos humanos em uma visita a uma casa de *desplazados* (refugiados internos) com a missão de fiscalizar o trabalho da Comissão Estadual de Direitos Humanos. A história das 23 famílias denuncia até onde pode chegar o descaso do poder público com os pobres, indígenas e vítimas.

Também em fevereiro, em Tlapa de Comfort, cidade na montanha, fui recebida por Manoel, um antropólogo mixteco que estuda o movimento das policiais comunitárias. Meu objetivo era apurar como aconteceu o boicote às eleições de 2015, movimento que foi

intenso em Tlapa. Por mais de meio ano, revoltados com o massacre de Ayotzinapa, os movimentos sociais da cidade promoveram a autogestão popular e ocuparam a prefeitura e outros órgãos municipais. Na véspera da eleição estadual de, em junho de 2015, policiais federais foram mobilizados para acabar com a ocupação e impossibilitar o boicote. A repressão causou a morte do estudante do Magistério Antonio Vivar. Em Tlapa, entrevistei dez pessoas que participaram ativamente do movimento, entre elas, o irmão de Antonio Vivar, sindicalistas da educação e jovens ativistas.

A apuração mais desgastante foi em Tecoaanapa, na Costa Chica, com a União dos Povos e Organizações do Estado de Guerrero. Por semanas, eu tentei marcar uma visita com o fundador e líder máximo da organização, Bruno Plácido. Após aceitar a visita, Plácido parou de responder aos telefonemas e mensagens. Sem a confirmação da liderança, fui a Tecoaanapa e entrevistei quatro policiais comunitários e comandantes. A maioria das entrevistas não foi utilizada, porque a história e a situação atual da UPOEG na região eram extremamente complexas e cheias de contradições. Também não existiu muita abertura para a investigação e as entrevistas eram marcadas pela tensão e desconfiança. Durante o período em Tecoaanapa, à noite, eu acompanhava as rondas dos comunitários. Eu não estava disposta em passar toda a madrugada nas rondas, mas o comandante Islas estava convencido de que eu estava buscando “adrenalina”. Eu nunca tinha dito nada semelhante.

Durante a estadia em Tecoaanapa, um promotor da UPOEG foi assassinado. Pude ir ao local onde estava a caminhonete no qual o militante tinha sido morto e fotografei a reunião de dezenas de comunitários ao redor do veículo. Quando viram minha câmera, os policiais me obrigaram a apagar as fotos.

Em março, eu resolvi conhecer o sistema de justiça e segurança comunitárias mais antigo do estado, criado pela Coordenadoria Regional de Autoridades Comunitárias, a CRAC. Um dos policiais de Tecoaanapa havia me colocado em contato com seu irmão que morava no território da CRAC, no pequeno município indígena de San Luis Acatlán. Eu tinha entendido que ficaria na casa dessa indicação, Alex. Quando eu estava no centro do povoado, um homem alto, de aparentemente 60 anos e olhos claros, dirigiu-me a palavra: “Você é a espanhola da foto que me mostraram! É pesquisadora, não? Não tenhas medo, me chamo Orión”. Com receio, respondi que ele havia me confundido. Minutos depois, o irmão do policial de Tecoaanapa Alex apareceu e cumprimentou Orión. O jovem perguntou se eu poderia dormir na casa do senhor loiro. Constrangida, eu aceitei a proposta.

A casa de Orión ficava a dez metros dali. Sem ser avisada sobre o que encontraria atrás da porta, entrei no quarto onde iria dormir e os móveis me pareceram muito antigos e nada mexicanos. Eram, como descobri, móveis alemães da década de 40. Na parede, havia

fotografias muito antigas. Uma delas retratava um menino vestido uniformizado, na extremidade da camisa militar, notei uma pequena suástica bordada. Ao lado da foto, estava pendurado o mesmo uniforme do Exército nazista em tamanho infantil. Quando fui tomar banho, abri a cortina descobri um mosaico, formando uma suástica colorida que decorava o banheiro. Orión era filho de um oficial do Exército Nazista de nome Gustav Bauer, como ele mesmo comprovou mostrando-me alguns documentos. Com a derrota de Hitler, Gustav fugiu para o México com a esposa e resolveu se esconder em San Luis Acatlán. O casal percorreu a pé os 170 quilômetros que separam o Porto de Acapulco - onde aportaram clandestinamente de um navio - do povoado, que, à época, deveria abrigar pouco mais de cem pessoas.

Setenta anos depois, Orión continuava defendendo as ideias racistas do pai Gustav, mesmo morando em uma região indígena. O “filho da guerra”, como ele se intitulava, discursava sem constrangimento até mesmo em público. Os comandantes da CRAC também não se mostraram amigáveis em sua recepção, além da demora em responder se a entrevista seria concedida. Acabei desistindo da pauta: comparar a CRAC com a UPOEG. Em sete de março, eu acordei com o raiar do dia e saí sem me despedir do anfitrião que guardava os objetos do pai como tesouros. A decoração e a sobrevivência daquelas ideias em um povoado tão distante da Alemanha nazista, o cansaço e a solidão me arrancaram a vontade de continuar. Depois de 90 dias sem derramar uma lágrima, eu chorei. Foram sete horas de viagem, realizada em três trajetos (não existia transporte direto desde San Luis Acatlán) até Iguala. A volta à cidade não estava prevista no roteiro. Resolvi fotografar a manifestação do Comitê de Ayotzinapa, que estava acontecendo depois de meses sem protestos no epicentro da tragédia. Tirando o cenário sinistro de Iguala, aquela passeata me lembrou as de 2014 no Distrito Federal ainda no calor da indignação pelos 43. As palavras de ordem eram as mesmas. Na manifestação, encontrei a estudante Danya Gutierrez e ela me convidou para dormir na sua casa. Eu havia conhecido Danya em Ayotzinapa em 2014. No dia seguinte, voltei à Cidade do México e voei ao Brasil na madrugada.

4.1 EDIÇÃO

Com os assuntos apurados poderia ter feito mais reportagens e talvez outro TCC. Percebi logo que retornei ao Brasil que precisava restringir o tema do trabalho aos desaparecidos, focando nas histórias e nas buscas em Iguala. Até então o TCC seria um livro-reportagem.

Todas as entrevistas e alguns diálogos foram gravados, o que foi interessante para garantir a precisão da escrita, mas foi responsável pela expansão substancial do tempo de produção da reportagem. Foram gravadas cerca de 40 horas de entrevistas. As fotografias representaram um desafio à edição: eram três mil. Selecionei 250 para o tratamento digital

feito pelo fotógrafo Rafael Venuto, formado no Curso de Jornalismo da UFSC. O processo de transcrição das entrevistas demorou quatro meses e desisti de continuar o ingrato trabalho quando o arquivo alcançou cem páginas. Logo que comecei a transcrição das entrevistas, percebi que não conseguiria apresentar o TCC em julho de 2016 e decidi postergar a banca para o segundo semestre. Acredito que não tenha sido por falta de esforço, mas sim porque a reportagem proposta não poderia ser escrita em quatro meses, simultaneamente com outras atividades acadêmicas e laborais.

A maior dificuldade no Brasil foi organizar o material, escutar e transcrever as entrevistas. Por muito tempo, não conseguia ouvir os áudios. Os pesadelos com Iguala eram recorrentes. Neles, eu era perseguida por homens desconhecidos ou simplesmente jamais conseguia deixar a cidade. Passei quase quatro meses apenas transcrevendo as entrevistas, fazia isso durante a madrugada, porque ainda cursava disciplinas e trabalhava. A isso se somou uma extrema dificuldade em falar sobre o TCC e compartilhar impressões sobre a apuração. Portanto, tanto a apuração quanto a escrita da reportagem foram processos silenciosos e solitários. Walter Benjamin escreveu, em *Narrador*, que o horror da Primeira Guerra fez com que os soldados voltassem para casa incapazes de compartilhar histórias com os seus. Eu nunca fui soldado, nem vivenciei uma guerra, mas buscar ossos e conviver com a morte não aflorou em mim a necessidade de escrever e contar histórias, mas de, muitas vezes, esquecer. Lutei arduamente contra o sentimento de desistir da investigação e trancar todo o material numa gaveta, o que, convenhamos, teria sido extremamente frustrante. Apeguei-me à certeza de que tinha escolhido o tema dos ausentes por acreditar na força da memória para a superação das injustiças sociais.

A única “ferramenta” que despertou e revelou um caminho para a escrita foi o caderno de campo que eu produzi durante os três meses, sobretudo, em Iguala, após cada busca empreendida.

A ideia de editar o material escrito e fotográfico em uma plataforma *online* foi uma sugestão providencial do orientador do projeto Carlos Locatelli em outubro de 2016. Eu aderi à sugestão, porque, assim, teria mais tempo para editar e revisar o TCC do que se tivesse que diagramar o trabalho na mídia impressa. O fator econômico também pesou: as impressões coloridas seriam muito caras.

Nas primeiras 20 páginas, resgatei os principais aspectos do caso Ayotzinapa, ao mesmo tempo em que fazia referência a acontecimentos históricos desde a Revolução Mexicana, passando pela Guerra Suja, pelo Massacre de Tlatelolco, a insurgência do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e as últimas duas décadas de Guerrero: polícias comunitárias, movimento indígena e domínio dos cartéis. Para tanto, levantei dados sobre pobreza e violência e análises de defensores dos direitos humanos, militantes e sociólogos.

Aos poucos, a história do nascimento, do impacto e da evolução dos Outros Desaparecidos de Iguala foi contada, nem sempre de forma linear: da chegada da UPOEG à primeira aula de busca, navegando pelas conquistas do grupo até entrar na narrativa das buscas que presenciei.

Percebi que, se as histórias dos familiares interrompessem a narrativa sobre as buscas, cujos acontecimentos transcorridos em um dia não eram simples, a compreensão do leitor poderia ficar prejudicadas. Para amenizar a ruptura entre as narrativas de atmosferas, tempos e recursos diferentes, escolhi encaminhar o leitor para outra página com a história do personagem, após o nome dele ser citado, durante a busca ou em outra situação. Desta forma, a reportagem ficou mais organizada.

Dar espaço de destaque às fotografias foi outra escolha importante: as fotos eram complementam as histórias contadas ou também contam outras histórias e revelam sinais, climas, posturas, olhares gestos inconscientes que só a imagem é capaz de insinuar. Na parte intitulada *Ano Novo, fossas novas*, escolhi dar mais espaço às vozes dos personagens e reconstituir, a partir de gravações, uma longa discussão em diálogos entre os buscadores em Cocula. Dediquei tempo de cena aos diálogos porque neles estão reunidos todos os conflitos e dilemas que atormentam e movem a vida da comunidade que luta contra o esquecimento. Nessas cenas viva da reportagem, nessa reminiscência do drama puro, do teatro de vozes dos personagens, da voz direta, acontece a descoberta de fossas que representa para mim a tensão e o clímax da narrativa, quando a apuração não se separa do texto. É a parte mais realista e do texto.

Na edição final, inicio a reportagem com uma descrição da primeira busca do ano que presenciei, para no seguinte parágrafo, assumir o ponto de vista coletivo dos familiares. Para criar essa narrativa, embasei-me nas entrevistas e nas ideias comuns que formam parte do imaginário dos buscadores: dúvidas sobre o passado dos filhos desaparecidos, medo do esquecimento e da solidão, obsessão por encontrar os restos mortais, a importância do corpo para confirmar a morte, a sensação de que estavam “mortos em vida”, a dor da ausência, o sacrifício, a revolta e o medo de serem tachados como loucos. Ao propor e analisar as características de um narrador ideal, Benjamin diz que não basta construir uma experiência verdadeira e guardá-la dentro de si: o narrador que une a experiência do viajante e a sabedoria para ouvir e recolher história dos povos e dos sábios, forja-se no desejo e na atitude de compartilhar e de tornar coletiva a experiência individual:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens - é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento. (BENJAMIN, p.215)

Os familiares dos desaparecidos durante as buscas que acompanhei compartilham entre si, como compartilharam comigo, as histórias de horror, a memória dos ausentes e os sentimentos confusos que tomam conta de sua mente. *A reportagem Guerrero: imersão em um estado de violência e ausência no México* busca compartilhar com o leitor a experiência dos personagens, do povo de Guerrero costuradas, emaranhadas, reconstituídas e reorganizadas nessa outra camada de leitura que é a memória da repórter.

4.2 ENTREVISTAS

Javier Monroy: organiza o Comitê dos Familiares e Amigos dos Desaparecidos, Sequestrados e Executados de Guerrero. Atua em Chilpancingo, capital de Guerrero;

Blandina Diéguez: esposa de um desaparecido, membro do Partido da Revolução Democrática (PRD);

Mario Hernandez Vergara: principal referência como buscador no grupo Os outros desaparecidos de Iguala;

Maria Luiza e Gerardo Ocampo: pais de um desaparecido de Iguala, cujos restos foram identificados e devolvidos;

Laura Alemán: irmã de um policial desaparecido em Iguala. O policial provavelmente esteve envolvido com o crime organizado;

Guadalupe Contreas: pai de um desaparecido. Ele não falta a nenhuma busca. Trabalha como pedreiro e vive em condições de pobreza;

Margarito Gilles e família: pai de um desaparecido em Iguala;

Carmen Abarca: esposa de um policial desaparecido em Iguala;

Sandra Román: mãe de uma adolescente desaparecida em Iguala;

Jesús Canaan: pai de dois filhos desaparecidos em Mezcala;

Candelária Rodríguez: esposa de um policial desaparecido em Iguala;

Maria de Jesús Contreas: filha de Guadalupe e parte do grupo de mulheres que sobe diariamente com a PGR para fiscalizar e anotar dados sobre as exumações;

Yasmin: amiga de Miguel Jiménez Blanco, ex-líder da União dos Povos e Organizações do Estado de Guerrero, assassinado em junho de 2015;

Joelo Díaz: joalheiro e pai de um desaparecido em Iguala;

Zenaida Candía Espinobarros: mãe de um desaparecido. Em outubro de 2015, o filho mais novo foi assassinado em Iguala, agravando ainda mais sua dor.

Jaime Betancourt: pai de dois adolescentes desaparecidos, em Cocula, pelas mãos de policiais municipais;

Zitlali Miranda: ativista social de Iguala que saiu do grupo dos buscadores por divergências com Mario Vergara;

Maria Herrera: referência nacional e internacional na luta pelos direitos humanos. É mãe de quatro desaparecidos. Hoje faz parte da rede *Enlaces Nacionales*;

José Díaz Navarro: porta-voz do grupo de familiares de desaparecidos de Chilapa. É irmão de quatro assassinados em 2014. Busca as cabeças de seus irmãos;

José Luis Cisneros: professor de Sociologia na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM – Xochimilco). Estuda violência e o crime organizado;

Adriana Bayena: esposa de um assessor jurídico da Procuradoria do Estado de Guerrero desaparecido. Integra a coordenação dos Outros Desaparecidos de Iguala;

Manuel Olivares: referência nacional na luta pela garantia dos direitos humanos. Centro José Maria Morelos Y Pavon. Dedicar-se a garantir os direitos dos *desplazados* (deslocado) e atua como assessor dos familiares dos 43 de Ayotzinapa em conjunto com o Centro Tlachnollan;

Juan Carlos Trujillo: maior liderança nacional na luta contra o desaparecimento forçado, filho de Maria Herrera e fundador da organização *Enlaces Nacionales*;

Dez fontes ligadas ao boicote às eleições estaduais de junho de 2015 em Tlapa de Comfort: as entrevistas não foram usadas diretamente;

Representantes da Polícia Comunitária da União dos Povos e Organizações do Estado de Guerrero (UPOEG): com exceção das entrevistas com o comandante Islas e com o Comandante Martin Roque, as entrevistas não foram utilizadas diretamente;

Abel García: diretor do Centro de Direitos Humanos da Montanha Tlachnollan;

Citlali Pérez: coordenadora da Polícia Ciudadana Popular (PCP) em Temalacatzingo.

4.3 CUSTOS

Passagens: R\$ 1.500 – México – Guarulhos ida e volta;

Hospedagem: R\$ 70,00 (referente ao aluguel de um quarto por duas semanas em Iguala). Fiquei hospedada em casa de amigos e familiares nos três meses de investigação;

Nikon D90 comprada em 2014, de segunda mão (Natália Pilatti): R\$ 1000;

Lente Nikon 50mm fixa comprada no México: R\$ 400;

Gravador Sony: R\$ 200;

Transporte dentro do território mexicano e alimentação: R\$ 1.500;

Tratamento das fotografias pelo fotógrafo Rafael Venuto: R\$ 300;

Plano na plataforma *ReadyMag*: R\$ 80.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento da narrativa mergulhada no contexto dos movimentos sociais em relação à luta contra a violência de Estado mostra enfaticamente sua implicação nesses acontecimentos. Tal dedução ou conclusão não se apresenta de forma estanque, fechada, separada do corpo da reportagem. Ela paira sobre todo o texto, de modo que o leitor e eu mesma, enquanto repórter que se descobre e descobre o mundo na investigação da realidade, chegamos juntos a essa compreensão, muito mais do que a um veredicto. Intuitivamente, compreendi que um julgamento pessoal autoritário ou coercitivo não cabe à reportagem, e não faria jus à complexidade dessa sequência devastadora de crimes que procurei respeitar e considerar durante a narrativa. Nessa perspectiva, procurei provocar no texto uma conclusão que é ensejada em todos os fatos relatados e em todos argumentos postos e contrapostos, mas nunca imposta ao leitor. Suponho, assim, ter dado acesso mais a efeitos conclusivos que se armam em todos os capítulos do que a uma conclusão no modo tradicional e estranho a uma reportagem que se lança a um processo permanente de investigação.

No processo de construção de conhecimento proporcionado pela investigação e pela escrita da reportagem chego ao entendimento de que o Estado, as instituições e as autoridades são os principais responsáveis e autores da violência, que pode, como no caso dos desaparecimentos forçados, ser denominada de crime de Estado. Tal crise é percebida e explicitada pelos familiares dos desaparecidos e pelos movimentos sociais, que usam a expressão *narcoestado*. Ao mesmo tempo, o texto-apuração permite a mim e ao leitor abandonar a apatia de uma situação que a princípio se mostra sem saída para compreender a importância das lutas sociais representados principalmente pelo Outros Desaparecidos de Iguala e os Movimentos de Ayotzinapa. De forma lenta, com movimentos de avanço e retrocesso, esses grupos já modificaram a visão da sociedade mexicana sobre esses crimes, no sentido de percebê-lo não como fenômeno de natureza individual, mas como fruto sistêmico de um processo político e histórico que envolve as instituições sociais como um todo. A consciência de que não são vítimas de uma tragédia natural cria o desejo de mudar o país e é esse aspecto que traz para essa reportagem de uma faceta do horror contemporâneo, a perspectiva de saídas, além da paralisia ou do diagnóstico da dor e do impacto da denúncia.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994c. p. 222-232. (Obras escolhidas, v.I).

_____. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994d. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. I).

CLEMENT, Jeniffer. *Reze pelas mulheres roubadas*. Editora Rocco, São Paulo, 2014.

DELGADO, Álvaro. *México, patria rota*. Proceso, 2014. Disponible en: <http://www.proceso.com.mx/?p=384692> .Acesso em: 25/11/2014.

GENRO FILHO, Adelmo. *O Segredo da pirâmide; para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

BOSCH, Lolita. *Campos de Amapola antes de esto*. Océano, 2012.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la Soledad*. FCE, México 1959.

REGUILLO, Rosana. *Ayotzinapa el nombre del horror*. Revista Anfibia, 2014. Disponível em: <http://revistaanfibia.com/ensayo/ayotzinapa-el-nombre-del-horror/>. Acesso em: 12/11/2014.

REGUILLO, Rosana. *Violencias y Después, culturas en reconfiguración*. Guadalajara: ITESO, 2005. Disponível em: <http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/cpa/spring03/culturaypaz/reguillo.pdf>. Acesso em: 12/11/2014.